HOP-FROG

Jamais conheci alguém que fosse tão vivamente dado a brincadeiras como o rei.

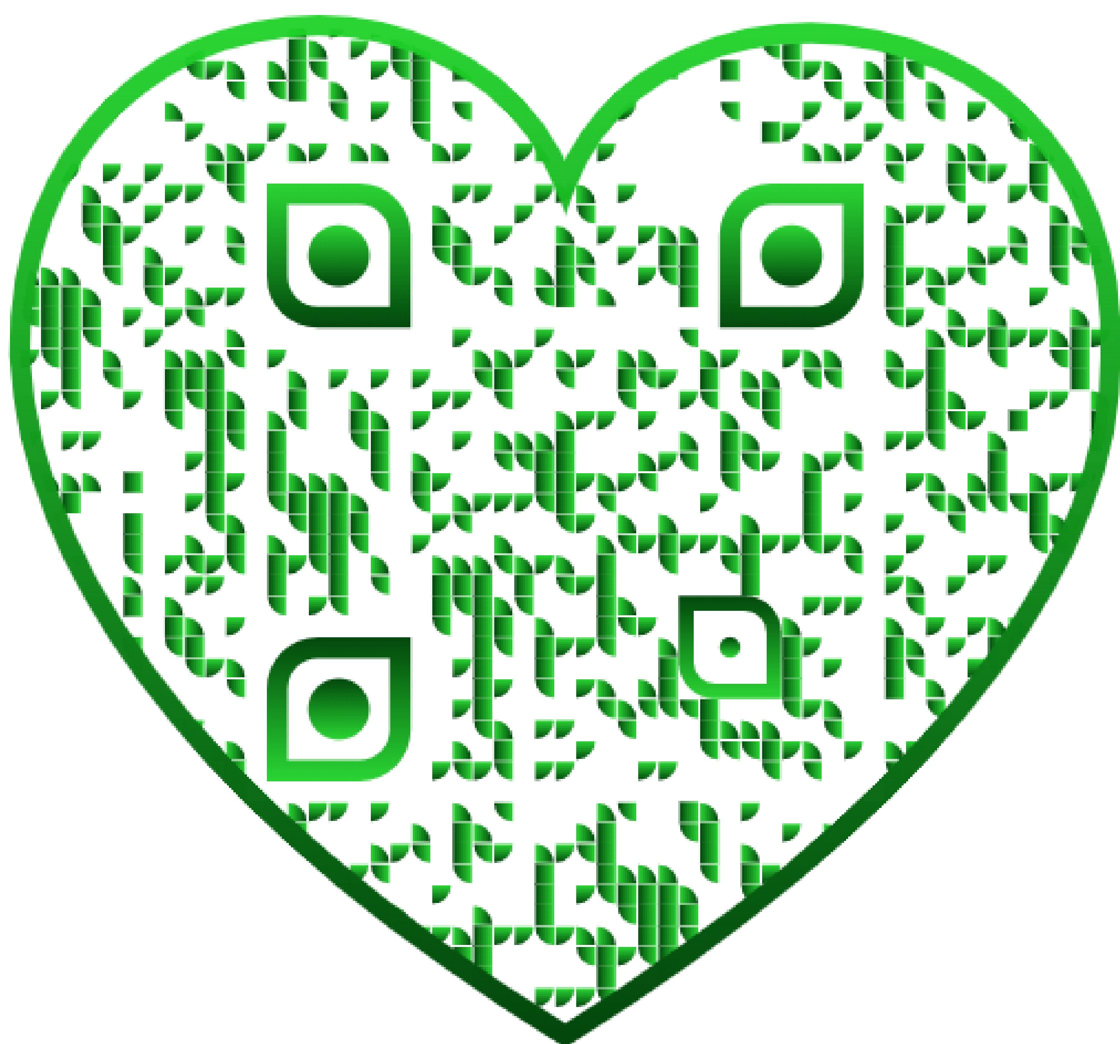
Parecia viver apenas para troças. Contar uma boa história do gênero jocoso, e contá-la bem, era o caminho mais seguro para ganhar-lhe as boas graças. Por isso acontecia que seus sete ministros eram todos notáveis por sua perícia na arte da pilhéria. Todos se pareciam com o rei, também, por serem grandes, corpulentos e gordos, bem como inimitáveis farsistas. Se é a brincadeira que faz engordar ou se há algo na própria gordura que predispõe à pilhéria, nunca fui capaz de determiná-lo totalmente, mas o certo é que um trocista magro é uma rara avis in terris.

Quanto às sutilezas - ou, como ele as chamava, o "espectro' do talento -, pouco se incomodava o rei com elas. Tinha admiração especial pela largura numa pilhéria e a digeria em comprimento por amor a ela. As coisas demasiado delicadas o aborreciam. Teria dado preferência ao Gargântua de Rabelais, em lugar do Zadig de Voltaire e, sobretudo, as piadas de ação satisfaziam-lhe muito melhor o gosto que as verbais.

Na data de minha narrativa os bobos profissionais não estavam totalmente fora de moda na corte. Muitas das grandes "potências" continentais mantinham ainda seus "bobos" que usavam traje de palhaços com carapuças de guizos e cuja obrigação era estarem sempre prontos com agudos chistes, a qualquer instante, em troca das migalhas caídas da mesa real.

Nosso rei, como é natural, mantinha seu "bobo". O fato é que ele sentia a necessidade de algo, no gênero da loucura, sem falar de si mesmo, que contrabalançasse a pesada sabedoria dos sete sábios, seus ministros.

Seu "bobo", ou jogral profissional, não era, porém, apenas um bobo. Seu valor triplicava-se, aos olhos do rei, pelo fato de ser também anão e coxo. Os anões eram, naquele tempo, tão comuns nas cortes como os bobos, e vários monarcas teriam achado difícil passar o tempo (o tempo que é muito mais lento de passar nas cortes que em qualquer outra parte) sem um truão que os fizesse rir e sem um anão de quem rissem. Mas, como já observei, noventa e nove por cento dos truões são gordos, redondos e pesadões, de sorte que o nosso rei muito se orgulhava de possuir um Hop-Frog (hop: salto; frog: rã N.T.) (tal era o nome do "bobo"), tríplice tesouro numa só pessoa. Acredito que o nome de Hop-Frog não fosse o que lhe deram seus padrinhos de batismo, mas lhe fora conferido, pelo unânime consenso dos sete sábios, por causa de sua impossibilidade de caminhar como os outros homens. De fato, Hop-Frog podia mover-se apenas por meio duma espécie de passo interjetivo - algo entre um pulo e uma contorção -, um movimento que provocava ilimitada diversão e, sem dúvida, consolo ao rei, pois (não a obstante a protuberância de sua pança e o inchaço estrutural da cabeça, o rei era tido por toda a sua corte como um sujeito bonito.



Mas embora Hop-Frog, em conseqüência da distorção de suas pernas, só se pudesse mover com grande esforço e dificuldade por uma estrada ou pavimento, a prodigiosa força muscular de que a natureza parecia ter dotado seus braços, a título de compensação pela deficiência das pernas curtas, capacitava-o a executar muitas proezas de maravilhosa destreza, quando se tratava de árvores ou cordas, ou qualquer coisa onde se pudesse trepar. Em tais exercícios parecia-se certamente muito mais com um esquilo ou com um macaquinho do que com uma rã.

Não sou capaz de dizer, com precisão, de que país era originário Hop-Frog. Era de alguma região bárbara, porém, de que ninguém jamais ouvira falar, a vasta distância da corte do nosso rei. Hop-Frog e uma mocinha, pouco menos anã do que ele de corpo bem proporcionado e maravilhosa dançarina), arrancados, à força, de seus respectivos lares, em províncias limítrofes, e enviados como presentes ao rei por algum de seus sempre vitoriosos generais.

Em tais circunstâncias, não é de admirar que estreita intimidade surgisse entre os dois pequenos cativos. De fato, em breve se tornaram amigos jurados. Hop-Frog, que, embora não se poupasse nas suas artes de jogral, não gozava de popularidade alguma, poucos serviços podia prestar a Tripetta. Ela, porém, por causa de sua graça e estranha beleza (embora anã), era por todos admirada e mimada, de modo que possuía bastante prestígio e nunca deixava de usá-lo, quando podia, em benefício de Hop-Frog.

Em certa ocasião de imponente solenidade - não me recordo qual - resolveu o rei dar um baile de máscaras. E, quando um baile de máscaras ou qualquer outra festa dessa natureza ocorria na nossa corte, então, tanto os talentos de Hop-Frog como os de Tripetta eram seguramente solicitados. Especialmente Hop-Frog era tão imaginoso em matéria de organizar cortejos, sugerir novas fantasias e arranjar trajes para bailes de máscaras, que nada se podia fazer, ao que parece, sem seu auxílio.

Chegara a noite marcada para a festa. Um magnífico salão fora adaptado, sob a direção de Tripetta, com todas as espécies de adorno que pudessem dar brilho à mascarada. Toda a corte se agitava em febril expectativa. Quanto aos trajes e papéis, era de supor que cada qual havia feito sua escolha em tal assunto. Muitos já haviam determinado os papéis que desempenhariam com uma semana, ou mesmo um mês, de antecedência e, de fato, não havia a menor indecisão da parte de ninguém.. . exceto quanto ao rei e seus sete ministros. O motivo dessa hesitação jamais saberia eu dizê-lo, a não ser que assim fizessem por brincadeira. O mais provável é que achassem difícil, por serem tão gordos, arranjar uma idéia aproveitável. Seja como for, o tempo corria e, como último recurso, mandaram chamar Tripetta e Hop-Frog.

Quando os dois amiguinhos obedeceram às ordens do rei, acharam-no sentado, a tomar vinho, em companhia dos sete membros de seu gabinete de conselho; mas o monarca mostrava estar com bastante mau-humor. Sabia que Hop-Frog não gostava de vinho pois excitava o pobre coxo quase até à loucura, e a loucura não é um sentimento muito confortável. Mas o rei gostava de pilhérias efetivas e divertia-se em obrigar Hop-Frog a beber e como dizia o rei, "a ficar alegre".

- Venha cá, Hop-Frog - disse ele, quando o jogral e sua amiga entraram na sala. - Beba este copázio à saúde de seus amigos ausentes... (aqui Hop-Frog suspirou) e depois nos favoreça com os benefícios de sua imaginativa. Precisamos de tipos, de tipos, homem... Algo de novo, fora do comum... Estamos cansados dessa eterna mesmice. Vamos, beba, o vinho lhe esclarecerá as idéias.Hop-Frog tentou, como de costume, lançar uma pilhéria em resposta às propostas do rei, mas o esforço foi demasiado. Acontecia ser aquele o dia do aniversário do pobre anão e a ordem "à saúde de seus amigos ausentes" enchera-lhe

os olhos de lágrimas. Grandes e amargas gotas de pranto caíram na taça, quando a tomou, humildemente, da mão do tirano.

- Ah, ah, ah, ah! - berrou o rei, ao ver o anão esvaziar o copo, com repugnância. - Veja o que pode fazer um bom copo de vinho! Ora, seus olhos já estão brilhando!

Pobre coitado! Seus grandes olhos chispavam mais do que brilhavam, pois o efeito do vinho sobre seu cérebro excitável era tão poderoso quanto instantâneo. Colocou a taça nervosamente sobre a mesa e olhou em redor para todos os presentes, olhar semi louco. Todos pareciam altamente divertidos com o êxito da pilhéria do rei.

- E agora vamos ao que serve - disse o primeiro-ministro, um sujeito gordíssimo.

-Sim , disse o rei. - Vamos, Hop-Frog, ajude-nos. Tipos, um belo rapaz! Estamos precisando de fantasias típicas, todos nós ...ah,ah, ah!

E como isto pretendesse seriamente ser uma pilhéria, sua risada foi repetida em em coro pelos sete.

Hop-Frog também riu, embora fracamente e de maneira um tanto distraída.

- Vamos... vamos! - disse o rei, com impaciência. - Não tem nada a sugerir?

- Estou procurando pensar em algo de novo - respondeu o anão com o ar abstrato, pois estava completamente transtornado pelo vinho.

- Procurando! - gritou o tirano ferozmente. - Que quer você dizer com isso? Ah! Percebo. Você está de mau-humor e quer mais vinho. Aqui está, beba este!Encheu outra taça e ofereceu-a ao coxo que a olhou e se pôs a ansiar sem fôlego.

- Beba, estou-lhe dizendo - urrou o monstro -, ou então, pelos diabos que...

O anão hesitava. O rei ficou rubro de raiva. Os cortesãos sorriam afetadamente. Tripetta, pálida como um cadáver, adiantou-se até a cadeira do monarca e, caindo de joelhos diante dele, implorou-lhe que poupasse seu amigo.O tirano olhou-a alguns instantes, com evidente espanto, diante de sua audácia. Parecia totalmente sem saber o que fazer ou dizer... nem como exprimir sua indignação da maneira mais adequada. Por fim,   sem dizer uma palavra, empurrou-a violentamente para longe de si, e jogou-lhe o conteúdo da taça cheia no rosto. A pobre moça levantou-se como pôde e, sem mesmo ousar suspirar, retomou sua posição ao pé da mesa.

Por meio minuto reinou um silêncio mortal durante o qual , a queda de uma folha ou uma pena poderia ter sido ouvida. Foi interrompido por um som baixo porém áspero e irritantemente prolongado que parecia provir de todos os cantos da sala.

- Por que ... por que. . . por que está você esta fazendo esse barulho? - perguntou o rei, voltando-se furioso para o anão. Ele parecia ter dominado, em grande parte, sua embriaguez, e, olhando fixa mas sossegadamente o rosto do tirano, disse simplesmente:

- Eu, eu? Como poderia ter sido eu?

- O som me pareceu vir de fora - observou um dos cortesãos - Creio que foi o papagaio na janela, afiando o bico nas varetas da gaiola.

- É verdade - disse o monarca, como se esta sugestão o houvesse aliviado bastante. - Mas, pela honra de um cavalheiro, poderia ter jurado que era o ranger dos dentes desse vagabundo.

Nisto o anão riu (o rei era um farsista chapado para que se agastasse com a risada do alguém) exibindo uma fileira de dentes grandes, fortes e bastante repulsivos. Além disso, declarou estar completamente disposto a beber tanto vinho quanto se quisesse. O monarca acalmou-se e, tendo engolido outro copázio, com não muito perceptível mau efeito, Hop-Frog começou logo, e com vivacidade, a expor seus planos para a mascarada.

- Não sei explicar por que associação de idéias - explicou ele, bem tranqüilo, e como se nunca houvesse provado vinho em sua vida -, mas justamente depois que Vossa Majestade empurrou moça e lançou-lhe o vinho na cara, justamente depois que vossa Majestade fez isto, e enquanto o papagaio fazia aquele barulho estranho lá fora, na janela, veio-me ao espírito a idéia duma extraordinária diversão, uma das brincadeiras de minha própria terra, muitas vezes executada entre nós nas nossas mascaradas, mas que aqui será inteira nova. Infelizmente, porém, requer um grupo de oito pessoas, e...

- Aqui estamos! - gritou o rei, rindo de sua sutil descoberta da coincidência - oito, justinho; eu e meus sete ministros! qual é a diversão?

- Nós a chamamos - respondeu o coxo - de Oito Orangotangos Acorrentados, e é, realmente, uma excelente brincadeira quando bem representada.

- Nós a representaremos - observou o rei, levantando e baixando as pálpebras.

- A beleza da troça - continuou Hop-Frog - está no medo que causa as mulheres.

- Excelente! - berraram, em coro, o monarca e seu ministério.

- Eu vos fantasiarei de orangotangos - continuou o anão - Deixai tudo por minha conta. A semelhança será tão completa que os mascarados tomar-vos-ão por verdadeiros animais, e sem dúvida, ficarão tão aterrorizados quanto espantados.

- Oh, isso é extraordinário! - exclamou o rei. - Hop-Frog, farei de você um homem!

- As correntes são para o fim de aumentar a confusão com seu entrechocar-se. Supõe-se que vos escapastes, en masse, das mãos dos guardas. Vossa Majestade não pode imaginar o efeito produzido, num baile de máscaras, por oito orangotangos acorrentados que a maior parte dos convivas julgará serem verdadeiros, a dando gritos selvagens, em meio da multidão de homens e mulheres, refinada e esplendidamente trajados. O contraste não tem igual.

- E não terá mesmo! - disse o rei, e o conselho foi suspenso apressadamente (pois já se fazia, tarde) para pôr em execução o plano de Hop-Frog.

Sua maneira de arranjar o grupo como orangotangos foi muito simples, mas bastante eficiente, para os fins que tinha em vista. Os animais em questão tinham, na época de minha estória, sido mui raramente vistos em qualquer parte do mundo civilizado, e como as imitações feitas pelo anão eram suficientemente parecidas com animais e mais do que suficientemente horrendas, sua semelhança com o original julgava-se estar assim assegurada.

O rei e seus ministros foram, primeiramente, metidos em camisas e ceroulas de de elástico bem apertadas. Depois foram bem lambuzados com breu. Neste ponto da

operação, alguém do grupo sugeriu o emprego de penas; mas a sugestão foi imediatamente rejeitada pelo anão, que logo convenceu os oito, com demonstração oculares, que o cabelo dum animal, como o orangotango, era muito mais eficientemente representado pelo linho. Em conseqüência, foi estendida espessa camada dele sobre a camada de breu. Procurou-se depois comprida corrente. Primeiro, passaram-na em redor da cintura do rei prendendo-o; depois em redor de outro membro do grupo, também preso; e por fim, em redor de todos, sucessivamente do mesmo modo. Quando todo esse arranjo da cadeia foi acabado e cada um do grupo ficava o mais afastado possível do outro formaram eles um círculo, e, para fazer todas as coisas parecerem naturais, Hop-Frog passou as pontas da corrente através do círculo, em dois diâmetros, em ângulos retos, de acordo com o método dotado nos dias que correm pelos que caçam chimpanzés ou outros grandes símios em Bornéu.

O enorme salão em que se realizaria o baile de máscaras era um aposento circular, muito elevado, recebendo a luz do sol somente por uma janela no teto. À noite (ocasião para a qual o fora especialmente destinado) era ele iluminado principalmente por um enorme candelabro pendente de uma corrente no centro da clarabóia, e abaixado ou levantado, por meio de um contrapeso, como de costume; mas (a fim de não parecer destoante) este último passava por fora da cúpula e sobre o forro. A decoração do aposento fora deixada a cargo de Tripetta; mas em alguns pormenores, parece, fora ela orientada pela opinião mais serena de seu amigo o anão. Fora por sugestão deste que, dessa removera o candelabro. Seus respingos de cera (que em tempo tão cálido era impossível evitar) teriam sido seriamente danosos para as ricas vestes dos convidados, que, na previsão de achar-se o salão apinhado, não poderiam evitar-lhe o centro, isto é sair debaixo do candelabro.

Novos castiçais foram colocados em várias partes do salão fora do espaço destinado às pessoas, e um archote emitindo suave odor foi posto na mão direita de cada uma das cariátides que se fixavam à parede, ao todo cerca de cinqüenta ou sessenta.

Os oito orangotangos, seguindo o conselho de Hop-Frog, esperaram pacientemente até a meia-noite (quando o salão estava completamente repleto de mascarados) para apresentar-se. Nem bem cessara o relógio de bater, porém, irromperam eles - ou melhor, todos juntos para dentro da sala, pois as correntes, dificultando-lhes os movimentos, fizeram com que muitos do grupo caíssem e todos entrassem aos tropeções.

A agitação entre os mascarados foi prodigiosa e encheu de prazer o coração do rei. Como fora previsto, não poucos dos convivas supuseram serem aquelas criaturas, de feroz catadura, animais de alguma espécie, na realidade, senão precisamente orangotangos.

Muitas das mulheres desmaiaram de terror, e não houvesse o rei tido a precaução de proibir armas no salão, seu grupo logo teria expiado com sangue aquela pilhéria. Assim, houve uma correria geral em direção das portas; mas o rei ordenara que elas fossem aferrolhadas logo depois de sua entrada, e, por sugestão as chaves ficaram em mão deste.

Quando o tumulto estava no auge e cada mascarado só atentava para a própria salvação (pois havia, de fato, um perigo muito real no aperto da multidão excitada), a corrente da qual pendia comumente o candelabro e que fora puxada ao ser aquele removido poderia ter sido vista a descer até que sua ponta em gancho chegasse a quase um metro do soalho.

Logo depois disso, o rei e seus sete amigos, que haviam rodado pelo salão em todas as direções, encontraram-se, afinal, no centro do aposento e, naturalmente, em estreito contato com a corrente Enquanto assim estavam, o anão, que lhes marchava, silenciosamente, nos calcanhares, incitando-os a manterem a agitação, agarrou as correntes que os prendiam na interseção das duas partes que cruzavam o círculo

diametralmente e em ângulos retos. Neste ponto, com a rapidez do pensamento, inseriu o gancho que costumava pender o candelabro; e num momento, como que um meio invisível, a corrente do candelabro foi subida o bastante para que o gancho ficasse fora do alcance e, como inevitável seqüência, arrastou os orangotangos juntos, uns encostados nos outros e face a face.

Os mascarados, a esse tempo, haviam-se recobrado de algum modo de seu alarma e, começando a encarar todo o caso como uma pilhéria bem arquitetada, desataram em gargalhadas ante a situação dos macacos.

- Deixem-nos por minha conta! - berrou então Hop-Frog, cuja voz penetrante se ouvia dominando o tumulto. - Deixem-nos por minha conta! Creio que os conheço! Se puder dar-lhes boa olhadela, poderei dizer logo quem são!

Então, subindo sobre as cabeças dos convivas, conseguiu alcançar a parede; aí, arrancando um archote de uma das cariátides voltou, como fora, para o centro do salão, saltou com a agilidade de um mono para cima da cabeça do rei, daí subiu uns poucos pés pela corrente, segurando a tocha, para examinar o grupo de orangotangos e berrando ainda:

- Descobrirei logo quem são eles!

E então, enquanto todos os presentes - incluídos os macacos - contorciam de riso, o jogral, de súbito, emitiu um assovio agudo e a corrente subiu violentamente, a cerca de nove metros, consigo os aterrorizados orangotangos, a debaterem-se, e deixando-se suspensos no meio do espaço, entre o forro e a clarabóia. Hop-Frog agarrando-se à corrente quando esta subia, mantinha ainda sua posição em relação aos oito mascarados e ainda (como setivesse acontecido) continuava a passear o archote por baixo deles, tentando descobrir quem eram.

Tão completamente atônitos ficaram todos ante aquela ascensão que se fez um silêncio mortal de cerca de um minuto. Quebrou-o um som rouco, surdo, irritante, igual ao que antes atraíra a atenção e de seus conselheiros quando aquele atraíra a atenção do rei e de seus conselheiros, quando aquele atirara o vinho na face de Tripetta. Mas, naquela ocasião não podia haver dúvida de onde o som partira.

Vinha dos dentes, em forma de presas, que os rangia furiosamente, com a boca a espumejar, ao tempo que fitava, com expressão de louca ira, as faces do rei e de seus sete companheiros.

- Ah, ah, ah! - disse, por fim, o furioso bufão. - Ah. ah, ah! Começo agora a ver quem é esta gente!

E aí fingindo examinar o rei mais de perto, encostou o archote ao vestuário de linho que o envolvia e que imediatamente se tornou um lençol de vivas chamas

Em menos de meio minuto todos os orangotangos ardiam furiosamente, entre os gritos da multidão que os contemplava de baixo, horrorizada e sem poder prestar-lhes o mais leve socorro.

Por fim as chamas, crescendo subitamente de violência, forçaram o truão a subir mais alto pela corrente, a fim de colocar-se fora do alcance delas; e, ao fazer tal movimento, de novo, todos, por um breve instante, mergulharam no silêncio. O anão aproveitou essa oportunidade e mais uma vez falou:

- Agora vejo distintamente - disse ele - que espécie de gente são estes mascarados. São eles um grande rei e seus sete conselheiros particulares. Um rei que não tem escrúpulos em espancar uma moça indefesa, e seus sete conselheiros, que lhe encorajam as violências. Quanto a mim, sou simplesmente Hop-Frog, o truão, e essa é a minha última truanice.

Em conseqüência da alta combustibilidade tanto do linho como do breu a ele aderido, nem bem o anão findara seu breve discurso e já a obra da vingança estava terminada. Os oito cadáveres balançavam-se nas correntes, massa fétida, enegrecida, horripilante, indistinguível. O coxo atirou-lhes o archote, subiu sem empecilhos para o teto e desapareceu pela clarabóia.

Supõe-se que Tripetta, ficando no forro do salão, tenha sido a cúmplice de seu amigo em sua incendiária vingança e que juntos, tenham fugido para sua terra. pois nenhum deles jamais foi visto de novo.